

RESUMO

Este trabalho divide-se em duas partes a serem publicadas em separado. Ele tem, como objetivo principal, examinar como a ciência econômica poderia contar a estória de Macunaíma. Na Parte-I, que corresponde ao presente texto, analisamos criticamente a interpretação tradicional de Robinson Crusoe feita pela literatura econômica. Em segundo lugar, traçamos um panorama da leitura de Macunaíma, apresentando as principais linhas de interpretação literária desta estória, na extensão em que estas notas introdutórias permitem-nos. A Parte-II, etapa subsequente deste artigo e objeto de nossa próxima pesquisa, situará a trajetória de Macunaíma, para ilustrar o sentido imanente do que vem a ser 'racionalidade econômica', demonstrando que, quando ela está ausente, como nesta história, as conseqüências econômicas em termos de justiça e eficiência são importantes.

PALAVRAS-CHAVES

Racionalidade, eficiência, justiça

ABSTRACT

This research is divided in two parts, which will be published separately. Its main objective is to speculate how economic theory could tell us the story of Macunaíma. In the first section, which corresponds to this paper, we critically analyze the traditional interpretation of Robinson Crusoe in economics. Secondly, we are going to make an overview of the main critical literary approaches of Macunaíma. In the second section (Part), which represents our next research, we are going to locate Macunaíma's trajectory to illustrate the meaning of economic rationality, showing that when it is absent – as like as in Macunaíma's story – the consequences in economic terms are considerable.

KEY WORDS

Rationality, efficiency, justice

ROBINSON CRUSOÉ E MACUNAÍMA

(UM ENSAIO SOBRE EFICIÊNCIA, JUSTIÇA E RACIONALIDADE ECONÔMICA)

PARTE - I

Marcos Fernandes Gonçalves da Silva

CLASSIFICAÇÃO JEL: A10, A11, A12, A13, A19

I. INTRODUÇÃO

A novela Robinson Crusóé, de Daniel Defoe, editada inicialmente em 1719, continua fazendo história no pensamento econômico. As primeiras referências a este personagem, nos escritos econômicos, datam do final do século XIX, e incluem, entre outros autores, W. S. Jevons, K. Marx, C. Menger, Bohm-Bawerk, A. Marshall. Na perspectiva marginalista e neoclássica, Robinson Crusóé é freqüentemente invocado para representar a figura paradigmática do homo economicus, termo que se refere à maneira de conceber a ação humana como maximizadora de utilidade, o que não quer dizer, necessariamente, egoísmo, no sentido em que o homo economicus está sempre buscando seus próprios benefícios; ao contrário: ele pode ser altruísta, na medida em que a utilidade dos outros é parte integrante de suas próprias preferências.

A vida de Robinson Crusóé, como nos é contada por ele próprio, está muito mais repleta de sucessos do que de fracassos. É notável que ele tenha conseguido sobreviver numa ilha deserta por tantos anos. Ficamos, também, surpresos, ao sabermos que, durante todo este período, os negócios que ele tinha iniciado no Brasil, antes do naufrágio, foram muito bem zelados por seus antigos sócios e pela

burocracia pública: ao retornar à Inglaterra, 35 anos depois, Robinson Crusóé era um homem próspero e rico.

A breve história do fiel e obediente servo de Crusóé começa quando ele é trazido à ilha, como prisioneiro, por selvagens canibais. Crusóé salva-lhe a vida, dá-lhe o nome de Sexta-Feira, e prontamente começa a lhe ensinar tudo o que poderia para torná-lo útil, confiável e prestativo. Após esta fase de adaptação e aprendizado, Sexta-Feira torna-se um personagem à margem, mas sempre a postos para servir ao caprichoso e utilitarista senhor Crusóé. Após duas outras invasões na ilha, conseguem embarcar, juntos, para a Inglaterra. Alguns anos mais tarde, quando Crusóé lá retorna, seguindo, dali, para o Brasil, Sexta-Feira morre, flechado por um selvagem, para salvar seu amo.

Na literatura econômica, a chegada de Sexta-Feira é comumente utilizada para representar uma economia mais complexa, trazendo um elemento econômico novo e importantíssimo: a possibilidade de troca. Variando de texto para texto, esta sociedade idílica presta-se à ilustração de outros conceitos, tais como produtividade, possibilidades de produção, vantagens comparativas, etc.

A idéia mítica, que nos faz pensar Crusóé como um homem austero, diligente, inteligente e, acima de tudo, parcimonioso, que domina a natureza através da razão, encarnando o prestigioso agente racional e maximizador de utilidade, tem sido criticada por diversos autores. Por outro lado, a alegoria de Robinson Crusóé tem muito mais a nos ensinar, sobre a história ou teoria econômica da divisão do trabalho, do que muito daquilo que se diz e se escreve nos dias de hoje. Na obra de Defoe, fica claro que os feitos exaltados por este personagem - alguns aclamados, mas a maioria ignorada pela literatura econômica - têm relação imediata com a moral, as instituições e a técnica das regiões européias desenvolvidas. Defoe jamais se esquece que Robinson Crusóé é um inglês, ambicioso e bem educado.

De volta à história real, é razoável que Sexta-Feira tenha internalizado - ainda que de maneira rudimentar, como a fala - o *modus vivendi* de Crusóé, estabelecendo-se, assim, a operação de uma pequena economia, onde podemos identificar divisão de

trabalho, relação capital-trabalho, etc.. Afinal de contas, o plano de fuga incluía disponibilizar grande estoque de alimentos para a viagem, que seria longa e com vários tripulantes. Mas, a história não termina aí: de volta à Europa, o bravo e admirado Crusoé reintegra-se à sociedade: suas finanças vão muito bem, como prevê a teoria econômica. Mas, o que dizer de Sexta-Feira, que também está nos manuais de ciência econômica?

O tema deste trabalho é examinar como esta ciência poderia contar a história de Sexta-Feira. Porém, há uma restrição com a ficção de Defoe: ouvimos apenas como Crusoé percebe e resolve as mais diversas situações com que se depara ao longo de sua aventura. O autor não é incoerente pois, sob a ótica de Crusoé, a relação funcional senhor-escravo, entre ele e Sexta-Feira, é perfeitamente natural. Mesmo expressando o desejo altruísta "de fazer alguma coisa por ele, caso viva mais do que eu", tudo permanece como sempre foi até o final da breve vida de Sexta-Feira.

Como também estamos interessados em limitar nossa discussão ao contexto de maior liberdade onde, ao menos no nível institucional, a escravidão tenha sido abolida, decidimos por outra história e outro personagem, que seja, muito provavelmente, aparentado de Sexta-Feira. Assim, elegemos contar a história de Macunaíma, filho de índia tapanhumas - negros africanos que se refugiaram na selva - e que nasceu na selva amazônica, região não muito distante da tribo de Sexta-Feira. Apenas como registro, não deixa de ser curiosa a inspiração dos autores: no título dado por Daniel Defoe - que costumava ser muito longo, naquela época - temos a seguinte descrição: "...uma ilha desabitada na costa da América, perto da foz do grande rio Orinoco [Venezuela]"; por sua vez, o personagem central da obra de Mário de Andrade foi inspirado no 'Makunaíma das tribos da Guiana e da Venezuela amazônica' - lenda colhida na obra etnográfica de Koch-Grunberg (Von Roraima zum Orinoco).

Macunaíma - o herói sem nenhum caráter é uma das obras da literatura brasileira mais lida e comentada: desde sua primeira publicação, em 1928, tem sido fonte de admiração, reflexão e controvérsias. Impregnada de metáforas, símbolos e alegorias, sua interpretação continua sendo objeto de discussão. O próprio autor escreveu dois

prefácios distintos sobre o herói, mas decidiu não publicá-los, deixando ao leitor que o entendesse como quisesse. Não é nosso propósito fazer mais uma leitura de Macunaíma; por esta razão, adotamos o ensaio O tupi e o alaúde, de Gilda de Mello e Souza, como referência principal ao árduo trabalho de decifrar o enigma que é este personagem: em oposição à visão tradicional, Gilda de Mello propõe leitura menos triunfante, onde o herói fracassa e o autor não apresenta nenhuma solução.

II. ROBINSON CRUSOÉ

II.1 A história

Robinson Crusóé nasceu em 1632. Filho de comerciante próspero, bem que poderia ter seguido os conselhos de seu pai, que desejava que ele estudasse direito sem abandonar a casa paterna e a terra natal, onde poderia tornar-se "conhecido, tendo perspectiva de construir fortuna com empenho e dedicação, desfrutando uma vida de conforto e bem-estar. [...] Ordenou-me que observasse, e eu haveria sempre de verificar, que as calamidades da vida eram repartidas entre as partes alta e baixa da humanidade, que a situação intermediária sofria menos desastres e não estava exposta a tantas vicissitudes quanto as outras." Mas sua obstinação era empreender grandes viagens marítimas e, no dia 1º de setembro de 1651, sem pedir a benção a Deus ou a seu pai, embarcou para Londres. Sua primeira viagem foi um infortúnio: duas tempestades torrenciais afundaram o navio, sem, entretanto, causar nenhuma vítima. Crusóé não desiste de sua idéia obsessiva de fazer fortuna, embarcando, em seguida, para a África. Por ter sido altamente lucrativa esta viagem, Crusóé decide fazer a rota novamente; mas, desta vez, é capturado por piratas turcos, sendo levado, como prisioneiro, para o porto de Salé.

Escapa após dois anos, com a ajuda de um jovem mouro, Xury, a quem promete tudo de bom, desde que lhe permaneça fiel; percorrem milhares de milhas ao longo da costa da África, até que, finalmente, são resgatados por um capitão português, que estava indo para o Brasil. Crusoé oferece tudo o que tinha ao capitão, em troca de sua ajuda; mas este, solidariamente, lhe diz: "Salvei sua vida exatamente nas condições em que eu próprio gostaria de ser salvo, e talvez meu destino seja o de ser recolhido nas mesmas circunstâncias." Ao chegar no Brasil, Crusoé vende ao capitão o barco que usou em sua fuga, com tudo o que tinha dentro - inclusive Xury.

Durante algum tempo vive na casa de um português, dono de um engenho de cana; observando como "os plantadores viviam bem e enriqueciam", decide obter a permissão para viver no Brasil. Feito isto, "comprei toda a terra inculta que meu dinheiro poderia pagar e tracei um plano para minha plantação e instalações, de acordo com o capital que esperava receber da Inglaterra." Antes que o capitão voltasse para Portugal, Crusoé fala-lhe do desejo de recuperar o capital que tinha deixado em Londres, e o comandante prontamente coloca-se à disposição para ajudá-lo. Além disso, aconselha-o a investir somente a metade porque, assim, ficaria alguma reserva para o caso de qualquer contratempo.

Em quatro anos Crusoé alcança a prosperidade, obtendo a oportunidade de usufruir todas as boas coisas que a "sossegada situação intermediária da vida, que meu pai tão sincera e ardorosamente recomendara" proporciona. Mas, mesmo assim, "era incapaz de me sentir satisfeito: precisava partir e abandonar a boa oportunidade que tinha de tornar-se um homem rico e próspero em minha nova plantação, apenas para correr atrás do desejo imprudente e imoderado de subir mais depressa do que a natureza das coisas admitia." Em 1º de setembro de 1659, Crusoé embarca, em expedição, à África, com o propósito de comprar e contrabandear escravos para o Brasil. Entretanto, um temporal, seguido de ondas gigantescas, tomba o navio e lança os tripulantes ao mar: todos morrem, exceto Crusoé, que consegue chegar à praia de uma ilha deserta.

Em terra firme, sente-se feliz por ter escapado; mas está exausto, solitário, sentindo-se despojado de tudo. Na manhã seguinte observa, com alívio, que o navio foi

trazido, pelo vento, para mais perto da costa. Sem perder tempo, constrói uma jangada com os escombros da embarcação, e se põe a carregar tudo que consegue retirar do barco naufragado, despendendo vários dias nesta empreitada; de posse das provisões que foram resgatadas, Crusóé muda-se para lugar mais alto e seco, protegido por barreira de terra; lá, faz seu abrigo, escavando pequena caverna para guardar, de maneira ordenada, seus pertences. Para não perder a noção do tempo, cunha, em um poste, marcas dos dias transcorridos; tendo fixado residência e se alimentando, inicialmente, de frutas, caça, pesca, o incansável e aventureiro Crusóé põe-se a fabricar utensílios domésticos e ferramentas; aprende a domesticar animais e, acidentalmente, descobre como poderia plantar cevada; além da casa principal, constrói, também, uma casa de campo e um celeiro, para armazenar cevada e arroz. Quando completou três anos de chegada à ilha, sua plantação estendia-se por mais de vinte alqueires.

Após quinze anos em seu isolamento, Crusóé parece perfeitamente adaptado: "Até um estóico sorriria ao ver-me comer rodeado de minha pequena família. Eu era a majestade, príncipe e senhor de toda a ilha; tinha as vidas de todos os meus súditos sob meu comando absoluto; podia enforcar, esquartejar, libertar e prender.[...] Valia a pena ver também como eu jantava como um rei, sozinho, assistido por meus criados [um papagaio, um cão e dois gatos]", diz ele; mas, desde o dia em que viu marcas de pé e ossos humanos espalhados na areia da praia, sua vida fica cercada de medo e ansiedade: reduz ao mínimo suas atividades produtivas, quase destruindo sua fé religiosa. Aos poucos, seu receio e dúvida esvaem-se, levando-o a alimentar planos de apoderar-se "não apenas de um, mas de dois ou três deles, e convertê-los em escravos, que não apenas fariam tudo que eu lhes ordenasse, mas também seriam incapazes de me causar o menor dano." Seu plano começa a concretizar-se quando salva um selvagem de um ritual canibalesco, tornando-o seu servo e dando-lhe o nome de Sexta-Feira; a adaptação à autoridade e ensinamentos de Crusóé é facilmente conquistada; torna-se, inclusive, "um bom cristão e sem dúvida melhor do que" seu amo.

Três anos se passam e um navio é atracado na costa, dele partindo seis botes em direção à praia: Crusóé e Sexta-Feira matam a maioria dos desembarcados; dos

sobreviventes, um é espanhol; o outro, pai de Sexta-Feira. Com a chegada de mais dois súditos, Crusoé traça um plano de fuga, incluindo a idéia de trazer outros espanhóis de uma ilha vizinha, para ajudá-los a construir um barco maior; porém, Crusoé temia ser traído pelos espanhóis e "acabar prisioneiros deles na Nova Espanha, onde todo inglês seria sem dúvida sacrificado, não importa os motivos que o houvessem levado lá. Preferiria cair nas mãos dos selvagens que nas garras impiedosas dos padres e da Inquisição." Para solucionar este impasse, impinge ao Espanhol o compromisso de obter, junto a seus compatriotas, o juramento, sobre os Santos Sacramentos e o Evangelho, que se poriam incondicionalmente sob suas ordens, até que houvessem desembarcado em segurança no país por ele designado. Após um ano, "Possuindo, então, um suprimento completo de alimentos para todos os hóspedes que esperava, dei permissão ao espanhol para cruzar o mar e ir ao encontro de seus companheiros."

Um estranho e inesperado acontecimento sobrevém quando um navio, "tripulado por compatriotas, ou seja, por amigos," atraca na ilha; a alegria de Crusoé, ao perceber que a maior parte dos tripulantes é de ingleses, cai por terra quando um dos marinheiros é brutalmente assassinado: cauteloso, "pois enfrentaria outra espécie de inimigo", Crusoé prepara-se e parte para mais uma batalha, onde vários marinheiros rebelados são mortos e, os demais, rendidos. Segue-se acalorada discussão sobre o destino do navio e dos tripulantes que sobreviveram. Depois de complicados arranjos, estabelecidos segundo os termos de Crusoé, ele, Sexta-Feira, e a tripulação sobrevivente, embarcam para a Inglaterra, ficando, na ilha, apenas alguns rebelados, que temem o enforcamento ao voltar a seu país.

Crusoé chegou em sua terra natal em 11 de junho de 1687, após 35 anos de ausência. Sua primeira providência foi procurar por membros de sua família, encontrando apenas duas irmãs e dois filhos de uma delas. Então, vai a Lisboa informar-se de suas plantações no Brasil e de outros negócios financeiros, tomando conhecimento que sua situação financeira é bastante confortável. Após alguns anos, Crusoé casou-se e teve três filhos. "No entanto, com o falecimento de minha esposa

e o retorno de seu sobrinho depois de uma bem sucedida viagem à Espanha, minha inclinação a viajar, somada a sua insistência, prevaleceu e levou-me a subir a bordo do navio que ele comandava, na qualidade de comerciante privado com destino às Índias Orientais." Nesta viagem, retornou à ilha - sobre a qual detinha, agora, o direito de explorar – visitando, em seguida, o Brasil. Contudo, neste percurso, o navio foi atacado por selvagens: Sexta-Feira, em manobra para salvar Crusoé, foi morto pelas flechas certeiras dos nativos.

Chegando ao Brasil, Crusoé foi imediatamente visitar sua antiga plantação e seus sócios: a recepção foi calorosa e ele pode se recordar dos bons momentos que ali viveu, quando jovem. Partiu, em seguida, para a África, chegando à China. O livro termina quando Crusoé, de volta a seu lar, com os filhos já criados e muito bem relacionados com a melhor sociedade de Londres, promete que "surpreendentes episódios de minhas novas aventuras durante outros dez anos, poderá talvez mais adiante constituir uma outra narrativa."

II.2. O segredo do homo economicus

Os fatores-chave da sobrevivência e prosperidade de Robinson Crusoé, em sua ilha deserta, não foram sua austeridade, perseverança e bravura, mas, principalmente, objetos "valiosos" que ele conseguiu resgatar do barco naufragado. Em suas treze idas ao barco, trouxe armas, munição, alimentos, roupas, utensílios, ferramentas e diversos materiais. Crusoé era bastante ciente disto: "Qual seria a minha situação se tivesse de viver nas condições em que primeiro dei à praia, sem o mínimo necessário para subsistir, e sem meios para providenciá-lo?" As armas foram de extrema importância para o estabelecimento de sua autoridade e do domínio de seus termos sobre outras pessoas que desembarcaram na ilha; as ferramentas e acessórios deram-lhe grande vantagem técnica em seu trabalho para sobrevivência.

Também não podemos duvidar que Crusoé tenha sido um trabalhador incansável, dotado de resignação e otimismo a toda prova, agindo sempre segundo os ditames da razão, pois "todo homem que formule e equacione seus empreendimentos de acordo com ela, fazendo o julgamento mais racional, será capaz, a seu tempo, de dominar" qualquer situação. Mesmo sozinho numa ilha deserta, Crusoé não conseguiria deixar de ser um homem "economicamente" orientado, no sentido de fazer valer a disciplina, o laborioso aprimoramento dos métodos de trabalho, a consideração com o longo prazo, a acumulação de bens e o registro preciso de seus haveres e deveres. Com o advento de Sexta-Feira na economia, Crusoé nem hesitou em ponderar "que tendo duas bocas para alimentar em vez de uma" era vital "ensinar-lhe tudo que podia para torná-lo útil, confiável e prestativo." No melhor estilo das tradições colonizadoras, "Antes de qualquer coisa, fiz com que soubesse que seu nome seria Sexta-Feira, [...] Ensinei-lhe em seguida a me chamar de Amo e a dizer sim ou não". Tendo sido fixado o status social, Crusoé começou a instruí-lo a falar e a entender o que lhe era dito quanto ao preparo de alimentos e outras técnicas, no discernimento entre o bem e o mal e, por fim, no conhecimento do verdadeiro Deus.

Uma rede confiável de instituições e laços sociais é bastante produtiva: Robinson Crusoé sabe muito bem disto. Mito à parte, Crusoé é um homem dependente, pertencendo ao todo maior, demandando ajuda e cooperação dos outros. O europeu é o paradigma deste tipo de sociedade; outros, como Sexta-Feira, precisam ser aculturados ou comercializados ou, até mesmo, eliminados. Em seu primeiro negócio, Crusoé consegue ganhar £300 a partir de um investimento de £40; embora Crusoé tenha tido o mérito de assumir o risco deste empreendimento, dificilmente o teria alcançado sem o auxílio de seus "pares": tomou o capital emprestado a seus familiares, e a amizade com o comandante do navio lhe proporcionou a oportunidade. Em atitude prudente, antes de embarcar em sua próxima viagem, deixa parte de seu capital sob guarda da viúva do comandante. Desta forma, está poupando: caso venha a necessitar do capital à distância, poderia passar procuração (como realmente fez) a alguém confiável, resgatando-o.

Em outra aventura, ao explicar que era inglês e que fugira do cativo dos mouros de Salé, Crusoé foi imediatamente muito bem recebido, com todos os seus pertences, a bordo do navio português. O Capitão generosamente declarou que nada lhe cobraria e que o levaria até o Brasil apenas por caridade. Com o intuito de ajudar Crusoé a comprar sua passagem de volta à Inglaterra, o Capitão arremata as poucas coisas de que ele se apropriara quando de sua fuga - inclusive seu companheiro, Xury. Afinal, entre europeus, o negro era, apenas, mercadoria...! Recomendado pelo Capitão português, Crusoé vai morar com um dono de engenho, familiarizando-se com o modo de plantar e fazer açúcar: nesta oportunidade, Crusoé tornou-se respeitável senhor de engenho. Mesmo que, por infortúnio, sua carreira tenha sido bruscamente interrompida, privando-lhe, por longos trinta e cinco anos, do mais remoto convívio com seus pares, quando retorna à civilização descobre que seus negócios prosperaram muito bem, como se ele próprio estivesse tomando conta.

Grande parte da história de Robinson Crusoé, como nos é contada por Defoe, refere-se aos vinte e oito anos em que ele, solitário, bravo e heroicamente, sobreviveu numa ilha deserta. O ritmo frenético de novas e surpreendentes situações com que se deparou o protagonista, combinado ao exíguo espaço dado ao trato das relações interpessoais, incita nossa imaginação a tomar os feitos de Crusoé como expressão e obra exclusiva de sua ação individual. A narrativa sobre seu casamento, o nascimento de seus filhos, a morte prematura de sua esposa, não vão além de poucas páginas. Não menos parcimoniosa é a solução de seus conflitos de consciência para legitimar, numa expressão ainda inglesa mas recente, a ignóbil marca jamesbondiana: "licença para matar".

Decerto, a história real de Robinson Crusoé inclui elementos controvertidos, tais como redes de influência, conquista, escravidão, roubo, assassinato, dominação. Por que este outro lado da história tem sido ignorado, é tópico muito importante - mas que não estaremos discutindo aqui. Em seu ensaio crítico sobre a maneira como quatro personagens literários - Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoé - tornaram-se mitos da cultura moderna, Ian Watt analisa a questão colocada acima sob a luz do desenvolvimento do individualismo. Brevemente, (1) em decorrência

do Renascimento e da Reforma, a primazia do indivíduo sobre o coletivo tornou-se a característica definidora da moderna sociedade ocidental; (2) a punição e fracasso observados em Fausto, Dom Quixote e Dom Juan, podem ser vistos como a amarga lição que a Contra-Reforma tentou dar ao individualismo do Renascimento. Porém:

"Robinson Crusóé pode ser visto como um articulado porta-voz das novas atitudes econômicas, religiosas e sociais, as que vieram após a Contra-Reforma.[...] Com o crescente domínio do novo individualismo foram eliminados os elementos punitivos da Contra-Reforma existentes nas versões originais; e uma visão mais simbólica, na verdade transcendental, mudou o modo como até então os quatro personagens eram compreendidos. No século XIX, todos eles difundiram-se pelo Ocidente inteiro, tornaram-se internacionais e adquiriram um status de universalidade." (Watt, 15)

III. UMA INTRODUÇÃO À LEITURA DE MACUNAÍMA

Faz-se necessário dizer algumas palavras sobre a estrutura da discussão que se segue: ao longo da história de Macunaíma, existem inúmeras alegorias, situações e personagens, o que torna impossível tratá-las todas da mesma maneira; por ser um livro complexo, com muitas facetas, devemos explorar apenas certos tópicos, para não correremos o risco de sermos muito genéricos.

A figura de Macunaíma é muito mais conhecida do que a história contada por Mário de Andrade, razão pela qual decidimos fazer constar, aqui, breve resumo do livro: embora estejamos privando o leitor da extraordinária narrativa da obra original, tal resumo ser-nos-á útil como guia para analisar o personagem. Entre as referências bibliográficas consultadas, destacamos a edição crítica organizada por Telê Porto Ancona Lopez, observando que estamos mais interessados no conteúdo do que nos aspectos formais da obra.

III.1 A história

Composto por 17 capítulos e um epílogo, o enredo se desenvolve em torno da pedra muiiraquitã: depois de um encontro amoroso com Macunaíma, sua amante lhe entrega este amuleto, antes de subir ao céu; a pedra mágica será perdida logo depois (capítulo IV); daí em diante, até o final do capítulo XIV, a ação se desenvolve em torno da busca atribulada do amuleto, que é, afinal, recuperado. Porém, logo em seguida acaba por escapar de novo, definitivamente, de suas mãos (XVII). Apenas por facilidade de exposição, agrupamos e denominamos cada uma das três seqüências acima, respectivamente, por Cena-I, Cena-II e Cena-III.

CENA-I

Macunaíma nasceu em Uraricoera, filho de uma índia tapanhumas; desde a meninice, foi endiabrado: gostava de espiar os outros trabalhando, de decepar cabeça de saúva, de dinheiro, de bolinar as moças. Nos machos, cuspi na cara, mas respeitava os velhos e as danças religiosas da tribo. Tinha dois irmãos: Jiguê, bastante estúpido, que estava na flor da idade, e outro, Maanape, feiticeiro, com idade bastante avançada. Preguiçoso, matreiro, inteligente, segundo o pajé, Macunaíma cobiçava tudo aquilo que desejava. Sem nenhum constrangimento, sua iniciação sexual foi com Sofará, companheira de Jiguê, marcada por atitudes nitidamente sado-masoquistas. Jiguê surrou exaustivamente o irmão, e trocou Sofará pela linda Iriqui; mas, a tragédia maior aconteceu quando, depois de ter supostamente flechado uma veada parida, Macunaíma percebeu que tinha matado sua própria mãe. Desolados, os três irmãos partiram por este mundo afora e, após longa travessia, Macunaíma conquistou a companheira para sempre inesquecível - Ci, Mãe do Mato -, tornando-se o novo Imperador do Mato-Virgem.

Indo parar no capão de Meu Bem, que fica nos cerros da Venezuela, o herói vivia sossegado e "Foi de lá que Macunaíma imperou sobre os matos misteriosos, enquanto Ci comandava, nos assaltos, as mulheres, empunhando txaras de três pontas." Nem se passaram seis meses quando a Mãe do Mato pariu um filho. Sobreveio nova tragédia: o filho de Macunaíma morreu envenenado. Inconsolável, Ci tirou do colar a muiraquitã famosa e a deu para Macunaíma; subiu ao céu em seguida, para se transformar na estrela Beta de Centauro. Saudoso de sua amada, Macunaíma despediu-se das icambiabas e partiu. Mas, nem bem andaram légua e meia: depois de se envolver numa briga medonha para salvar uma moça muito bonita que tinha sido transformada em cascata, Macunaíma deu conta de que tinha perdido a muiraquitã. Depois de muito procurar aquela única lembrança que guardava de Ci, Macunaíma ficou sabendo o que tinha acontecido: "uma tracajá engolira a muiraquitã e o mariscador que apanhara a tartaruga tinha vendido a pedra verde pra um regatão peruano se chamando Venceslau Pietro Pietra. O dono do talismã enriquecera e parava fazendeiro e baludo lá em São Paulo, a cidade macota lambida pelo igarapé Tietê." Macunaíma disse aos irmãos que estava disposto a ir a São Paulo procurar este tal de Venceslau, e retomar o talismã roubado. Maanape e Jiguê resolveram ir com ele, mesmo porque o herói carecia de proteção.

CENA II

"Por tantas conquistas e tantos feitos passados, o herói não ajuntara um vintém só mas os tesouros herdados da icamiaba estrela estavam escondidos nas grunhas do Roraima lá." Desses tesouros, Macunaíma separou uma parte para a viagem, sob a forma de "milhões de bagos de cacau, a moeda tradicional", exigindo, para o seu transporte, uma grande quantidade de embarcações. Ao chegar a São Paulo, onde o café vogava e a moeda tradicional não era o cacau, e até "liga para meia ninguém comprava nem por vinte mil cacaus", Macunaíma ficou contrariado porque teria que labutar, e murmurou, desolado: Ai! Que preguiça! Estimulado por Maanape, ensacou um pouco do tesouro para comerem e foram barganhar o resto na Bolsa. A inteligência do herói estava muito perturbada com o despropósito das

engenhocas da cidade de São Paulo, chegando a imaginar que os elevadores, carros, caminhões, etc., seriam espécies de macacos, onças pintadas, tamanduás, etc.; as filhas da mandioca (mulheres brancas) davam risadas e lhe explicavam que "eram máquinas e tudo na cidade era só máquina." Foi morar numa pensão, com os irmãos; no dia seguinte, decidiu visitar Venceslau Pietro Pietra. Por pouco não acaba picado em vinte vezes, borbulhando na polenta: foi graças aos poderes de feiticeiro de Maanape que ele pode ser resgatado. Numa outra tentativa, resolveu enganar Venceslau Pietro Pietra passando-se por uma francesa, interessada em lhe falar sobre uma máquina de negócios: o gigante foi logo querendo brincar com a francesa e, só depois de muito trabalho e astúcia, foi que Macunaíma conseguiu se livrar dele.

Enraivecido e contrariado por não conseguir reaver a muiraquitã, resolveu tomar um trem e ir ao Rio de Janeiro socorrer-se de Exu diabo, em cuja honra se realizava uma macumba no outro dia; às vinte horas Macunaíma chegou na biboca, levando, debaixo do braço, o garrafão de pinga obrigatório. Terminada a cerimônia, chegou a hora dos pedidos e promessas; em seu tempo, Macunaíma pediu que Exu fizesse Venceslau Pietro Pietra sofrer todas as espécies de maldade, e o que se seguiu foi horrórico: lá no palácio da Rua Maranhão, em São Paulo, o gigante urrava e sangrava por todo o corpo! Indo parar para além da baía da Guanabara, Macunaíma foi acolhido por Vei a Sol em sua jangada. Depois, lavado e acariciado pelas três filhas de Vei, ela lhe falou: "Meu genro: você carece de casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra ti é Oropa França e Bahia. Mas porém você tem que ser fiel e não andar assim brincando com as outras cunhãs por aí." Macunaíma agradeceu, jurando que sim em nome de sua mãe; mas, nem bem elas saíram, ele se ergueu na jangada e, "com os braços oscilando por cima da pátria decretou solene: POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO!" Pulou da jangada, topou com uma portuguesa e os dois vieram brincar na jangada. Quando Vei e suas três filhas voltaram, a Sol se queimou com a traição de Macunaíma, deserdando-lhe como genro. No outro dia, não achando mais graça na capital da república, Macunaíma voltou para São Paulo e, na condição de Imperador do Mato-Virgem, escreveu uma carta às súditas icamiabas, tendo como tema central a perda da muiraquitã; o herói relata os acontecimentos por ele vividos em São Paulo e, sem

perder seu senso de oportunismo, pede que lhe enviem "duzentas igaras cheias de bagos de cacau" para continuar em sua empreitada.

"Venceslau Pietro Pietra ficara muito doente com a sova e estava envolvido em rama de algodão. Passou meses na rede." Mas, como o gigante mantinha a muiraquitã debaixo do corpo, Macunaíma nada poderia fazer para tentar reavê-la. Irritado com este chove-não-molha, o herói aproveitava a espera "se aperfeiçoando nas duas línguas da terra, o brasileiro falado e o português escrito"; no dia da festa da Flor, largou os estudos e foi na cidade se divertir; no dia do Cruzeiro, feriado novo inventado para os brasileiros descansarem mais, saiu para ver as comemorações: fez um discurso inflamado, que deixou o povo "comovido, feliz no coração, cheio de explicações e cheio das estrelas vivas." Entre outras diabruras, ateou fogo no bosque da Saúde, para caçar veados; inventou que tinha achado rastro de perdiz perto da Bolsa de Mercadorias, causando tumulto até que seus irmãos e a multidão, revoltada, perceberam que era troça; valendo-se da ajuda de Maanape, que era feiticeiro, roubou um anzol de um inglês e foi pescar no igarapé Tietê - mas foi capturado e levado pela velha Ceiuci, mulher do gigante, só escapando com vida porque a filha mais nova, encantada com as brincadeiras de Macunaíma, deixou-o fugir.

Piaimã viajou para a Europa com toda a família, para descansar da sova. Desolado e sem rumo com a notícia, Macunaíma e os manos matutavam sobre o que fazer; foi quando Jiguê teve a idéia de irem para a Europa atrás do gigante, mas Maanape retrucou que tinha uma idéia melhor: "Macunaíma finge de pianista, arranja uma pensão do Governo e vai sozinho." Macunaíma concordou, mas preferiu fingir ser pintor ao invés de pianista. Enquanto esperava a nomeação, matava o tempo fazendo pinturas e, num de seus passeios na Cantareira, foi ludibriado por um vendedor ambulante: gastou todas as suas economias na compra de um gambá que botava moedas de pratas; de volta à pensão, recebe outra má notícia: o Governo já tinha mandado milhares de pintores para a Europa, e Macunaíma seria nomeado "só no dia de São Nunca." Quando a raiva se acalmou, falou para os irmãos: "Paciência, manos! Não! Não vou na Europa não. Sou americano e meu lugar é na América. A civilização européia decerto escolhamba a inteireza do nosso caráter." Na maior

"pendura", os três vararam o Brasil, durante uma semana, de ponta a ponta, para ver se achavam algum dinheiro enterrado. Mas não acharam, não.

Macunaíma ficou muito satisfeito porque Venceslau Pietro Pietra tinha voltado: resolveu não ter mais piedade dele, e matá-lo. Quando a noite caiu, o herói estava lá, de tocaia, esperando o gigante chegar; enquanto esperava, contava casos para a criada e o motorista; de repente, ouve-se o barulho de automóvel: o motorista e a criada erguem-se logo, estendendo a mão para Macunaíma e o convidando para dar boas vindas ao gigante; foram, encontrando Venceslau Pietro Pietra na porta da rua, conversando com um repórter. O gigante riu para os três e falou para o motorista ir com ele lá dentro da casa: Piaimã carregou o motorista nas costas, atravessaram o jardim, entraram na casa e foi logo fazendo com que ele caísse no molho da macarronada. Venceslau Pietro Pietra foi buscar Macunaíma e, como fez com o motorista, carregou-o nas costas. Dentro de casa, Macunaíma conseguiu se livrar do gigante, e lhe pregou uma peça, levando o gigante a se afogar na macarronada. Macunaíma pegou o muiraquitã e foi para a pensão... "E chorava gemendo assim: muiraquitã, muiraquitã de minha bela, vejo você mas não vejo ela! ..."

CENA III

"Então os três manos voltaram pra querência deles. Estavam satisfeitos porém o herói inda mais contente que os outros porque tinha os sentimentos que só um herói pode ter: uma satisfação imensa. Partiram. Quando atravessaram o pico do Jaraguá Macunaíma virou pra trás contemplando a cidade macota de São Paulo. Maginou sorumbático muito tempo e no fim sacudiu a cabeça murmurando: Pouca saúde e muita saúde, os males do Brasil são ..." Depois de muito refletir, Macunaíma gastou seus últimos trocados comprando o que mais o entusiasmara na civilização paulista: o revólver Smith-Wesson, o relógio Patek e o casal de galinha Legorne. Mas, ao cair da noite, teve saudades do que viveu na cidade paulistana: "Viu todas aquelas donas de pele alvinha com quem brincara de marido e mulher, foi tão bom!" Estas

lembranças lhe estremeceram o corpo e quase a muiraquitã caiu no rio. "Então pensou muito sério na dona da muiraquitã na briguenta, na diaba gostosa que batera tanto nele, Ci, Ah! Ci, Mãe do Mato". Noite adentro, acordou com o barulho dos bambuzais: entrou no mato e foi buscar Iriqui, companheira dele que já fora companheira de Jiguê. Os dois festejaram, brincaram e vieram para o barco.

Finalmente chegaram em Uraricoera. Macunaíma ficou feliz, mas chorou quando percebeu que muitas coisas tinham ficado velhas. No outro dia, bem cedo, todos foram trabalhar. A princesa - uma moça muito chique que Macunaíma conheceu no caminho, abandonando Iriqui - foi no roçado, Maanape foi no mato e Jiguê foi no rio. "Macunaíma se desculpou, subiu na montaria e deu uma chegadoinha até a boca do rio Negro pra buscar a consciência deixada na ilha de Marapatá. Jacaré achou? Nem ele. Então o herói pegou na consciência dum hispano-americano, botou na cabeça e se deu bem da mesma forma." Voltou antes mesmo do Sol se pôr e foi se deitar à sombra de uma ingazeira. Jiguê estava com raiva porque a pesca estava ficando cada vez mais rarefeita. Quando foi na praia do rio para ver se pescava alguma coisa, topou com o feiticeiro Tzalô, que possuía uma cabaça encantada para pescar. Quando o feiticeiro saiu para dar uma volta, Jiguê roubou sua cabaça e voltou para casa carregado de peixe. Macunaíma desconfiou e descobriu o segredo de Jiguê. Pegou então a cabaça para pescar e quando foi recolher os peixes, atirou a cabaça a esmo: ela se perdeu no rio. Macunaíma voltou para casa para contar o que tinha ocorrido, e Jiguê teve muita raiva. Noutro dia, Jiguê estava procurando a cabaça quando topou com o feiticeiro Caicê, que tinha uma viola encantada para caçar. Enquanto Caicê estava distraído, Jiguê roubou sua viola, fazendo aparecer muitas caças. Quando voltou para casa, Macunaíma tornou a desconfiar: sorratamente, pegou a viola e precipitou-se a tocá-la sem parar: apareceram todos os tipos de bichos. Macunaíma teve medo daquela bicharada, pôs-se a correr e jogou a viola longe, que acabou se despedaçando; voltou para a tapera e contou o sucedido. Jiguê teve muito ódio e falou que não pescaria nem caçaria mais.

Todos ficaram com muita fome e, quando pediam a Jiguê para pescar ou caçar, ele dava de ombros e pulava na rede. O herói jurou vingança, e lhe preparou uma cilada com um anzol envenenado. Quando Jiguê colocou o anzol na mão, o "Veneno virou

numa ferida leprosa e principiou comendo Jiguê. Primeiro comeu um braço depois metade do corpo depois as pernas depois a outra metade do corpo depois o outro braço depois o pescoço e a cabeça. Só ficou a sombra de Jiguê." A princesa teve ódio, porque andava namorando Jiguê, e pediu para a sombra, que era leprosa, matar Macunaíma. No outro dia, o herói acordou com tanta fome que foi passear para espaiar. Topou com um cajueiro cheio de frutos. Quis comer, mas desconfiou. Mais adiante, topou com um churrasco de veado. Porém, reparou que era a sombra leprosa e passou adiante. Algumas léguas dali, viu uma bananeira carregada de pencas maduras. Mas, como estava vesgo de fome, a "vesgueira fez ele enxergar dum lado a sombra do mano e do outro a bananeira." Mas, devorou todas as pencas e Macunaíma ia morrer. Então, se lembrou de passar a doença nos outros pra não morrer sozinho mas, como ele tinha passado a lepra para sete outras pessoas, ficou são e voltou para a tapera. A sombra engoliu a princesa e Maanape. Queria engolir também o herói, mas Macunaíma, percebendo o que tinha acontecido com eles, conseguiu se safar.

"Macunaíma se arrastou até a tapera sem gente agora. Estava muito contrariado, porque não compreendia o silêncio. Ficara defunto sem choro, no abandono completo. Os manos tinham ido-se embora transformados na cabeça esquerda do urubu-ruxama e nem sequer a gente encontrava cunhãs por ali. O silêncio principiava cochilando a beira-rio do Uraricoera. Que enfaro! E principalmente, ah!que preguiça! ..." Macunaíma teve que abandonar a tapera, cuja última parede estava caindo, e foi amarrar sua rede em dois cajueiros. Ficou dormindo e comendo cajus por lá, por muitos dias. A seu lado, o casal de legornes, o papagaio em cima de sua barriga, a repetir os casos contados por Macunaíma, que se orgulhava de tantas glórias passadas. Num dia de janeiro, o herói acordou tarde e estava muito quente. "Vei, a Sol, escorregava pelo corpo de Macunaíma, fazendo cosquinhas, virada em mão de moça. Era malvadeza da vingarenta só por causa do herói não ter se amulherado com uma das filhas da luz." Ao chegar na lagoa, enxergou, no fundo, uma lindíssima moça: ele ficou com mais vontade. "E a cunhã lindíssima era a Uiara." Macunaíma vacilou muitas vezes entre o desejo e o medo de água fria. Mas Vei estava com muita raiva e esquentou em muito o corpo do herói, que finalmente se jogou em cima da Uiara. Quando retornou na praia, percebeu que tinha brigado

muito lá no fundo do rio: estava sangrando, com mordidas pelo corpo todo, sem a perna direita, sem os dedos, sem as orelhas, sem nariz. As piranhas tinham comido também o beijo dele e a muiraquitã.

"Macunaíma campeava campeava. Soltava gritos de lamentação encurtando com a bulha o tamanho da bicharada. Nada, o herói varava o campo, saltando na perna só. Gritava: Lembrança! Lembrança da minha marvada! Não vejo nem ela nem você nem nada!" Então Macunaíma não achava mais graça nesta terra, e matutava indeciso, sem saber se iria morar no céu ou na ilha de Marajó: acabou decidindo ir para o céu, viver com a malvada Ci. Plantou uma semente de cipó e, enquanto o cipó crescia, escreveu na laje, que já fora jabuti há muito tempo: NÃO VIM NO MUNDO PARA SER PEDRA. A planta cresceu até se agarrar em Capei. O herói trepou no cipó e foi pedir morada no céu, transformando-se, "com todo o estenderete dele, galo galinha gaiola revólver relógio, numa constelação nova. É a constelação da Ursa Maior."

EPÍLOGO

"Acabou-se a história e morreu a vitória."

[...] "A tribo se acabara, a família virara sombras, a maloca ruína minada pelas saúvas e Macunaíma subira pro céu, porém ficara o aruaí do séquito daqueles tempos de dantes em que o herói fora o grande Macunaíma imperador. E só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do herói."

"Tudo ele contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em

toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases de Macunaíma, herói de nossa gente."

"Tem mais não."

III.2 Ensaios críticos

Macunaíma veio ao mundo pelas mãos de um mestre. Poucos duvidariam disto, mesmo entre aqueles que desgostam de tudo ou de alguma coisa desta obra. Em seu esclarecedor artigo sobre a trajetória deste livro - que foi ao longo de anos acusado de plágio, de antiestético, de antiliterato, impossibilitado de aproximar-se do leitor comum -, Silviano Santiago conclui que, hoje, "Juntamente com o companheiro José, de Carlos Drummond, o anti-herói de Mário passou a ser figura de citação obrigatória, adquirindo um prestígio popular que antes só personagens de José de Alencar ou Machado de Assis tinham conseguido." (M, Santiago,193)

Na condição de obra-prima, Macunaíma há que possibilitar permanentemente novas leituras. Por outro lado, sua riqueza simbólica impõe "antes o campo aberto e nevoento de um debate, que o marco definitivo de uma certeza." (M, Gilda de Mello, 294). Neste sentido, e com o intuito de trazer à discussão certos pontos que entendemos relevantes para tanto, recorreremos aos esclarecimentos da crítica especializada: entre os vários ensaios disponíveis, ressaltamos O Tupi e o Alaúde, de Gilda de Mello e Souza. Considerada por vários estudiosos como uma das melhores leituras de Macunaíma, a autora se opõe à crença, ainda bastante comum, de tomar Macunaíma como um livro afirmativo e triunfante. Diferentemente, propõe

uma leitura pessimista, ambivalente e indeterminada: o herói fracassa, e o autor não apresenta nenhuma solução.

Ao examinar as nuances da subjetividade do personagem, Gilda de Mello chama a atenção para a correspondência flagrante entre a aparência física e a ambivalência de Macunaíma. Quando a cotia (Cena-I) decide transformá-lo em homem adulto, "a cabeça não molhada ficou pra sempre rombuda e com carinha enjoativa de piá." Uma cabeça pequena e feições infantis num corpo adulto denotam "um ser híbrido, cujo corpo já alcançou a plenitude do desenvolvimento adulto, enquanto o cérebro permanece imaturo, preso aos esquemas lógicos do pensamento selvagem." (M, Gilda de Mello, 269) Além da ambigüidade física e psicológica, prossegue a autora, do ponto de vista cultural, Macunaíma "É na verdade um homem degradado que não consegue harmonizar duas culturas muito diversas: a do Uraricoera, donde proveio, e a do progresso, onde ocasionalmente foi parar." (M, Gilda de Mello, 270) Também observa que a trajetória de Macunaíma, oscilando entre estes dois pólos opostos de valores, é constantemente acentuada por duas sentenças utilizadas ao longo de todo o livro: "Ai que preguiça!" e "Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são". A segunda é uma referência a dois males no Brasil: os estragos causados pelas formigas nas fazendas dos colonizadores e a precária saúde do povo brasileiro. "Deste modo, se a exclamação ai que preguiça! exprimia o desejo ancestral de se ver reincorporado ao âmbito do Uraricoera e da muiiraquitã - a tudo aquilo, enfim, que nos definia como diferença em relação à Europa", a outra "instalava no discurso a exigência de uma escolha, que só podia ser feita do lado dos valores ocidentais do trabalho." (M, Gilda de Mello, 277)

Sobre a estrutura da narrativa, Gilda de Mello dá importância capital ao episódio de Vei, seguindo em parte o testemunho de Mário de Andrade que, da mesma forma, o considera a alegoria central do livro. Há duas seqüências de Vei a Sol no texto: na primeira (Cena-II), ela acolhe Macunaíma em sua jangada, propondo-lhe uma das filhas em casamento; Macunaíma agradece e jura fidelidade mas, tão logo ela se afasta, sai à procura de outra mulher, indo acasalar-se com uma portuguesa. Vei a Sol reaparece somente no final da Cena-III, para vingar-se da humilhação sofrida. A armadilha por ela preparada é o tiro de misericórdia no já combalido Macunaíma.

Segundo a leitura de Gilda de Mello, "As filhas de Vei - 'filhas da luz', 'filhas do calor' - representam as grandes civilizações tropicais, como a China, a Índia, o Peru, o México, o Egito, civilizações que se realizaram em torno de valores culturais muito diversos do Ocidente, e que teriam se harmonizado melhor às nossas condições geográficas e climáticas. Por conseguinte, posto na situação de escolher entre as filhas de Vei e a portuguesa (o Ocidente), Macunaíma devia ter optado pela primeira; esta seria a decisão acertada, coerente com a ação central do livro, a busca do muiiraquitã." (M, Gilda de Mello, 279)

O capítulo IX (Cena-II), denominado por 'A Carta pras Icamíabas', é um dos pontos polêmicos do livro que, desde seu lançamento, tem suscitado controvérsias, quer entre os interlocutores de Mário de Andrade, quer entre leitores e estudiosos. Contrariando o restante do texto, o narrador Macunaíma assume a primeira pessoa, utilizando-se de escrita rebuscada, bem ao estilo da prosa erudita portuguesa. Para Gilda de Mello, a Carta é um comentário satírico da escolha desastrosa do herói. Sob a luz do pretexto central da Carta - perda da muiiraquitã e, conseqüentemente, a privação de recursos para o sustento na cidade - Maria Augusta Fonseca observa que "Premido pela necessidade financeira, querendo desfrutar os prazeres com as mulheres, escreve a suas 'mui queridas súbditas', as índias icamiabas, na qualidade de imperador (posição que conseguira casando-se com Ci, a Mãe do Mato).[...] Tudo parece justificar sua postura pedante: o cultivo da língua escrita, a valorização dos padrões culturais da civilização, a sedução pelo dinheiro, o deslumbramento com as máquinas, os homens públicos, os 'palácios'." (M, Maria Augusta, 330)

Creemos que a grande maioria dos relatos sobre Macunaíma, quer da crítica, quer dos leitores, tende a reconhecê-lo como personificação do brasileiro. Vejamos alguns comentários:

1. "Ser Macunaíma, o herói de nossa gente, a meu juízo, só pode ser porque ele veste a carne que nos veste; porque é a carapuça que nos cabe, a nós brasileiros. Falo, é claro, não de nós, do clube dos contemplados, mas do brasileiro-massa, povão, desde sempre humilhado e ofendido, o que, aparentemente, é toda uma contradição" (M, Darcy Ribeiro, XIX)

2. "Apesar de todos os negaceios do autor, aliás relativizados por ele próprio em cartas e prefácios, não se pode fugir ao problema da interpretação contextual da obra: que relação guarda a rapsódia com a leitura do Brasil que Mário vinha tentando fazer desde o começo da sua produção intelectual?" (M, Alfredo Bosi)
3. "Hoje, Macunaíma (o herói e/ou o livro) faz parte do repertório cultural mínimo de qualquer ginasiano ou universitário inquieto nas suas reflexões de cunho nacionalista" (M, Silvano Santiago)
4. "Mas aos poucos foi obrigado [Mário de Andrade] a aceitar que de fato semeara o texto com uma infinidade de intenções, referências figuradas, símbolos e que tudo isso definia os elementos de uma psicologia própria, de uma cultura nacional e de uma filosofia que oscilava entre 'Otimismo ao excesso e pessimismo ao excesso', entre a confiança na Providência e a energia do projeto'." (M, Gilda de Mello, 256)

Na citação acima, Gilda de Mello comentava sobre a resistência inicial de Mário de Andrade em reconhecer sua criação - escrita em seis dias de trabalho ininterrupto durante suas férias em dezembro de 1926 -, que foi descrita, pelo autor, como um "jeito pensativo e gozado de descansar umas férias". Mais adiante, ao analisar o costume de ver em Macunaíma o símbolo brasileiro, Gilda de Mello relata-nos a reação de Mário de Andrade ao receber a primeira proposta de tradução do Macunaíma para os Estados Unidos:

"talvez o Macunaíma ganhe em inglês porque muito secretamente o que me parece é que a sátira além de dirigível ao brasileiro em geral, de que mostra alguns aspectos característicos, escondendo os aspectos bons sistematicamente, o certo é que sempre me pareceu também uma sátira mais universal ao homem contemporâneo, principalmente sob o ponto de vista desta sem-vontade itinerante, dessas noções morais criadas no momento de as realizar, que sinto e vejo tanto no homem de agora." (Mário de Andrade citado em Gilda de Mello, 268)

Em sua conclusão, Gilda de Mello expõe "a extrema lucidez do artista em relação à ambigüidade interna da sua personagem principal que, à semelhança dos demais protagonistas, nos impõe sempre uma leitura alternativa: Macunaíma tanto pode ser o retrato do homem brasileiro, como do venezuelano (sul-americano) ou do homem moderno." (Gilda de Mello, 269) O próprio personagem revela: "deu uma chegadoinha até a boca do rio Negro pra buscar a consciência deixada na ilha de Marapatá. Jacaré achou? Nem ele. Então o herói pegou na consciência dum hispano-americano, botou na cabeça e se deu bem da mesma forma."

O percurso que nos fez chegar até Macunaíma começa quando decidimos investigar como a ciência econômica poderia contar a história de Sexta-Feira. Recordando: este personagem tem vida muito curta na novela de Defoe. Mais importante ainda: sob o regime de escravidão, mesmo estando na Europa, somente lhe caberia viver à margem do sistema econômico. O referencial que nos faz pensar Macunaíma como aparentado de Sexta-Feira é da ordem da tradição, ou seja, suas respectivas crenças, valores, comportamentos, organização social, dizem respeito à base cultural comum. Todavia, passados dois séculos, há uma ruptura em Macunaíma, que faz toda a diferença: Macunaíma é um individualista desmedido e, por promover o individualismo, subvertendo os valores de sua tradição cultural, foi amaldiçoado, mal sucedido e morto.

Foi sua própria mãe quem primeiro percebeu o perigo que ele representava, amaldiçoando-o (Cena-I, capítulo Maioridade). Por causa de Maanape ter matado um boto para comerem, uma praga assolou Uraricoera, trazendo frio e fome. Macunaíma ficou muito contrariado, decidindo se mudar, com sua mãe, para a outra margem do rio, onde havia abundância de alimentos. Mas, como ela prontamente tratou de arranjar alimentos para levar aos outros filhos e à nora, Macunaíma ficou com raiva, e retornou com sua mãe, permanecendo todos na mais absoluta penúria. Enraivecida com a atitude do filho, levou-o para bem longe e lhe disse: "Agora vossa mãe vai embora. Tu ficas perdido no coberto e podes crescer mais não." Desesperado, pôs-se a andar a esmo, safou-se do Currupira que o queria comer e, bem mais adiante, topou com a cotia. Ao lhe contar como enganara o Currupira - mas nada disse sobre o castigo de sua mãe - a cotia, impressionada com sua

inteligência, resolve igualar-lhe o corpo com a cabeça, jogando-lhe uma gamela cheia de caldo envenenado de aipim... e Macunaíma foi crescendo, até ficar "do tamanho dum homem taludo."

Em sua passagem pela cidade de São Paulo, onde a maneira individual e independente, livre para escolher e agir é protagonista do valor civilizado de vida, não pôde igualar-se ao individualismo bem sucedido dos habitantes da cidade. Macunaíma era ganancioso, mas sua 'racionalidade' continuava se manifestando na esfera primitiva, através de uma relação selvagem com o dinheiro, "baseada nos golpes da sorte, na busca de tesouros enterrados, na atração pelos jogos de azar. Ao contrário dos habitantes da cidade, cujos atos são ditados pela previsão e pelo lucro, o herói, no fim de 'tantas conquistas e feitos passados (...) não possuía nem um tostão do que ganhara no bicho'." (Gilda de Mello, 270)

De volta a Uraricoera, a princesa e os três irmãos repetem o esquema anterior de trabalho: a princesa foi no roçado, Maanape foi no mato, Jiguê foi no rio; Macunaíma, desculpando-se, saiu para dar uma volta. Muita coisa tinha envelhecido e se transformado. Macunaíma agora sente saudades de São Paulo, de onde só voltou "porque o navio em que tenta embarcar não o aceita entre os passageiros elegantes, que se dirigem para a Europa." (Gilda de Mello, 293). Até o abobado Jiguê inverte o papel, namorando a companheira do mano. O resto da história conhecemos, e foi devastador. Como praguejou sua mãe: "Tu ficas perdido no coberto e podes crescer mais não." Tarde demais: o fosso entre a realidade percebida e a herança cultural já era colossal. "Tem mais não."

CONCLUSÃO

A interpretação idealizada de Robinson Crusoe, na literatura econômica, forjada inicialmente pelos economistas marginalistas, é parte de um movimento mais abrangente - a economia positiva - que foi deflagrado pela mesma corrente de pensamento, no século XIX. Em sua defesa da economia positiva, Milton Friedman escreve que "A economia positiva é em princípio independente de quaisquer

posições éticas ou de julgamentos normativos. [...] Sua performance deve ser julgada pela precisão, escopo e conformidade com a experiência das previsões que ela produz." (Friedman, 1979: 19) Além disso, uma teoria ou hipótese não poderia ser testada pelo realismo de suas asserções.

No contexto positivista, onde a "licença para abstrair" é plenamente justificada, o homo economicus emerge sem maiores dificuldades. Axiomático, dotado de racionalidade instrumental, agindo segundo suas preferências, faculta à economia neoclássica o status de ser "a única disciplina nas ciências sociais que tem um conjunto próprio de conceitos e uma base lógica que está organizada numa forma dedutiva". Sua história é curtíssima, e bastam apenas dois postulados para descrevê-la: suas preferências são completas e transitivas. Assim, quando invocamos Crusoé, vale o velho e conhecido ditado: qualquer semelhança é mera coincidência.

Em nossa reflexão acerca do fracasso de Macunaíma, observamos que sua 'racionalidade' continua se manifestando na esfera primitiva - a utilização de aspas, no termo racionalidade, foi proposital, na medida em que a questão central da Parte-II deste trabalho é justamente analisar os vários significados e implicações da racionalidade no bem-estar individual e coletivo.

Se a vida de Robinson Crusoé continua sendo interpretada de maneira idílica na literatura econômica, Macunaíma tem sua contrapartida na crítica especializada. Um de seus expoentes, Haroldo de Campos, em *A Morfologia do Macunaíma*, "identifica a recuperação da muiiraquitã com a recuperação de um dano, interpretando a volta de Macunaíma ao Uraricoera como uma volta triunfal. [...] Não obstante as advertências do autor [Mário de Andrade] (que no caso correspondem ao que mostra a análise objetiva), Macunaíma foi tomado - e continua sendo, até hoje - como um livro afirmativo, antropofágico, isto é, como a devoração acrítica dos valores europeus pela vitalidade da cultura brasileira." (M, Gilda de Mello, 293).

O livro *O espelho do próspero - cultura e idéias nas Américas*, do historiador Richard Morse, que estabelece um contraste entre Ibero-América e Anglo-América,

é bastante esclarecedor para entendermos as origens da herança cultural, que caracteriza, colocando em nossos termos, o comportamento de um Macunaíma e de um Crusoé. Não obstante, discordamos dos ensinamentos normativos que emergem daquela análise: em seu propósito de confrontar a experiência histórica da Anglo-América com a da Ibero-América, "não mais como estudo de um caso de desenvolvimento fracassado, mas como a vivência de uma opção cultural" (Morse, 2000:14), o autor parece sugerir sua crença na saída antropofágica. Como discutiremos na Parte-II, a injustiça social e miséria material da Ibero-América passam ao largo de sua análise.

BIBLIOGRAFIA

DEFOE, D. As aventuras de Robinson Crusoé. Porto Alegre, L&PM Editores, 1997.

FRIEDMAN, M. "The Methodology of Positive Economics" em HAHN, F., HOLLIS, M.(Eds). Philosophy and Economic Theory. New York: Oxford University Press, 1979, p. 18-35.

LOPEZ, T. P. A. (Coordenadora) Mário de Andrade - MACUNAÍMA - Edição Crítica. Madri, ALLCA XX, 1996.

MORSE, R. M. O Espelho de Próspero - Cultura e idéias nas Américas. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

SWEDBERG, R. Economics and Sociology. Princenton: Princenton University Press, 1990.

WATT, I. Mitos do Individualismo Moderno - Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoé. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1997.